Desmunhecar, ocupar, chamar

Fabiana Faleiros

Estou pensando com as mãos mas quero parar de pensar.

Minhas mãos são o cérebro.

Pego, manipulo, manuseio, apanho, masturbo.

A masturbação mental é como ter as próprias mãos dentro do cérebro.

O mundo antropomórfico está ao alcance das mãos.

A simetria das mãos faz o mundo ter duas caras: a boa e a má, o claro e o escuro, deus e o diabo, direita e esquerda, feminino e masculino.

As mãos são humanas.

É violento.

Ocupe o corpo ou ele será ocupado.

Desmunhecar

Vamos começar com uma parte do corpo chamada boneca. Muñeca. A munheca, substantivo feminino derivado do espanhol, é a parte da mão que a liga ao braço. É o pulso, é o punho. Articulação entre a mão e o braço que anima os fantoches de pano antes da fabricação das bonecas de plástico. Do teatro de sombras feito com os dedos até a sofisticada mecânica das marionetes, o gesto de movimentar o pulso dá vida as bonecas que contam histórias nas mãos de quem fala. E nomeia o corpo. Falar com as mãos. A mão faz que é a boca e quem fala está escondido. Um corpo inteiro numa parte de outro corpo. O diabo habitava o corpo das mulheres hereges que foram chamadas de bruxas na Inquisição e no Renascimento e nas colônias do chamado Novo Mundo. O exorcismo católico pretendia livrar o corpo do mal da sexualidade. Nas mãos da psiquiatria as bruxas viraram bonecas da ciência moderna, enrijecendo e contorcendo as articulações do pulso, o que foi identificado como sintoma da histeria no processo de patologização da masturbação e do orgasmo.

Ao querer colonizar nossa animalidade, a cultura européia e antropocêntrica fabricou a boneca até ela se tornar o objeto antropomórfico por excelência. Das bonecas bebês as 'Barbies', brincar de boneca é brincar de ser boneca. Aí se inicia a hierarquização naturalizada entre masculino e feminino. As bonecas são um dos pilares da educação sexista que faz das meninas biomáquinas reprodutoras que vão entregar bebês para o mundo. Na escola tradicional a biologia ensina que nossos órgãos sexuais são órgãos reprodutores, em ilustrações que não contemplam o clitóris. Nem nos livros de anatomia que servem ao ensino médico o clitóris estava até bem pouco tempo atrás.[1]

Figura 1

Nas narrativas brancas eurocêntricas modernas, o sentido figurativo da expressão desmunhecar, "tirar a parte de um todo"[2], é o sintoma de uma doença. Na coreografia de um corpo histérico em crise, a munheca se contorce em sentido oposto ao ventre. A contração do punho é um dos sintomas da doença que foi normatizada pela epilepsia no final do século XIX, quando a psiquiatria começava a associar causas orgânicas a doenças psíquicas com o respaldo da neurologia[3]. Os espasmos musculares antes considerados indício da presença do demônio no corpo das bruxas agora manifestam uma doença cientificamente diagnosticável[4]. As histéricas foram parte de um dispositivo psiquiátrico que inventava a histeria performatizando-a enquanto uma doença exclusivamente feminina[5]. Ao contrário do exorcismo religioso que pretendia tirar o diabo do corpo, a hipnose faz o sintoma se manifestar repetidamente em forma de espetáculo para que seja visto, pesquisado e conhecido. A mão do médico investiga, apalpa, penetra seu objeto científico na busca pela causa da doença. A masturbação é terapia (titilação de clitóris) para o orgasmo na sua condição paradoxal: doença e cura[6]. Nos domínios da clínica a mão que não toca o próprio corpo se contorce querendo se livrar das disciplinas que a fizeram ser instrumento do

trabalho doméstico e máquina viva na engrenagem industrial. Verbo desmunhecar: cortar, decepar ou quebrar a munheca[7].

Já os meninos que brincam de boneca correm o sério risco de desmunhecar, gíria brasileira e insulto sexual: "ser, mostrar-se ou tornar-se afeminado, maricas"[8]. O gesto de inclinar o pulso para baixo foi historicamente associado ao repertório feminino pela indústria cultural, a exemplo da revista *Vogue*, que desde a sua criação, no final do século XIX, propagou o padrão de beleza ocidental da mulher branca, sofisticada, magra, corpo codificado como heterossexual sadio, a barbie humana[9]. Quando o *Vogue* ou *Voguing* vira dança nos anos 1980, o desmunhecar ganha potência subversiva nos corpos de gênero, raça e classe dissidentes. As coreografias das *Drag Queens*, travestis e transexuais parodiavam os gestos das modelos junto com movimentos angulares das artes marciais e da ginástica. O *Vogue* é luta[10]. Desmunhecar é luta. Disputa de corpos que performatizam a identidade de gênero desafiando as normas heterossexuais que fixam o gênero no sexo biológico[11]. Desmunhecar se torna uma contraestratégia performativa, insulto sexual que vira ação política, gera outros feminismos, *queer*, *trans*, de cor. Os dançarinos de *Vogue* são ninjas de corpo sem gênero definido que fazem cortes no caráter natural e universal da condição feminina.

Ocupar

Uma mineradora que extrai minério de ferro do solo. Estou dentro dela.

Pela primeira vez noto que o cheiro do sangue oxidado é parecido com cheiro de terra vermelha. Ferro na terra. Sinto cheiro de terra num grampo de cabelo que enferrujou em contato com a água na pia do banheiro. Ferro no sangue. É o mesmo cheiro de sangue que sinto com a chegada da minha menstruação. A terra é o corpo. É preciso ocupar o próprio corpo para que ele não seja colonizado. Nem máquina reprodutora, nem objeto sexual. Mesmo o corpo sendo seu, é preciso ocupá-lo.

Londres, 1796: Vejo a *A Europa sustentada pela América e pela África*[12] na gravura de Willian Blake. É a ocupação geopolítica colonial e patriarcal da terra corpo. Do corpo terra. América e África (olhos abertos para frente) seguram o corpo da Europa (olhos fechados para baixo) com as mãos. Elas mantém a Europa de pé.

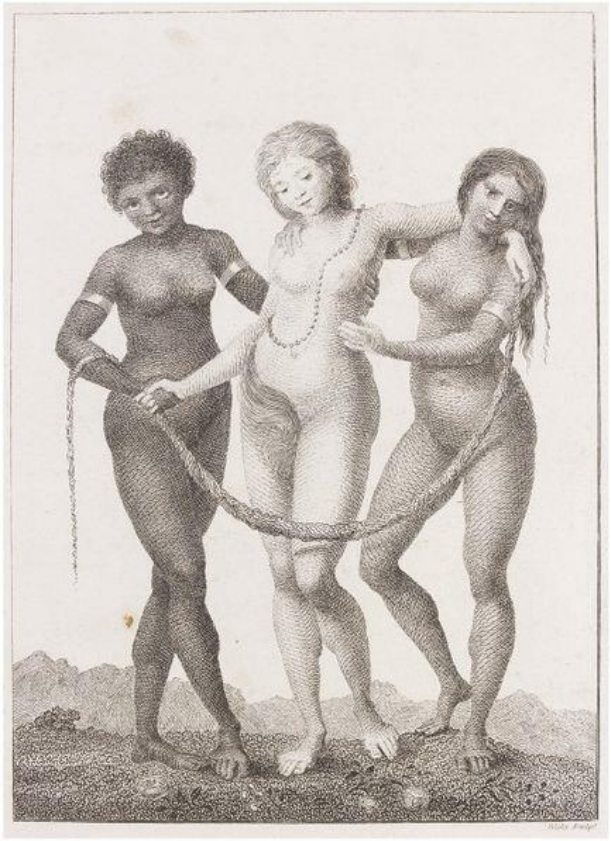

Figura 2

O corpo languido europeu desmunheca, e aqui desmunhecar é um gesto nobre da mão que será servida e que serve para a reprodução. Nenhuma ação. É uma mão que não trabalha, descansa enquanto é sustentada pelas "outras". Estou diante da terra fêmea colonizada pela lógica do homem branco que extrai o que precisa dela, aniquilando-a. Estamos diante da Europa encarnada como uma Vênus que esconde o sexo com os cabelos, mulher branca que deve seguir virgem até o casamento. A América e a África são propriedades do colonizador, servem a Europa.

Rio de Janeiro, 2016: O patriarcado global que se reflete na imagem de Blake permanece e escraviza e/ou subordina massa de mulheres do terceiro mundo. As mulheres negras estão na linha de frente de um movimento de ocupação do próprio corpo. Funkeiras como Deise Tigrona já vem dizendo desde os anos 1990 que a buceta é delas (*é minha/ é minha/ a porra da buceta é minha*), que dar o cu é bom (*DAKO é bom*), que a buceta é o poder. O coletivo carioca Afrofunk Rio, que pesquisa diferentes vertentes de danças da diáspora africana ancestrais e contemporâneas "na busca por um corpo fértil, luminoso e consciente"[13], vem realizando oficinas de passinhos de *funk*, *dancehall* e *twerk* na *Univer-cidade da Ousadia*[14]. No mesmo fluxo, a ativista e pesquisadora Fannie Sosa desenvolve há 5 anos seus *twerkshops,* mostrando que o *twerk,* que vem da junção das palavras *twist and jerk (*girar e sacudir), é uma dança que trabalha na produção do prazer e da autocura. Não é só um gesto apropriado pela cultura pop como um gesto exibicionista que seduz o público masculino. Nos *twershops* Fannie compartilha saberes sobre "o músculo da alma, o psoas, um tecido muscular muito profundo, o primeiro que desenvolvemos. É o músculo que une as pernas com a coluna e, portanto, com o cérebro. É o músculo que nos faz levantar. É também muito ligado ao orgasmo."[15] Fannie inclui *twerk* entre os movimentos ritualísticos de celebração da fertilidade da mulher que foram "fragmentados pelo patriarcado com a perseguição às bruxas e a escravidão"[16].

Sentar a bunda para escrever é bem diferente de rebolar. A bunda que ocupa uma cadeira durante horas para escrever diante de um computador e na sala de aula faz com que a coluna se arqueie para frente. O conhecimento acadêmico ocidental, além de silenciar sistematicamente saberes do corpo que vem de epistemologias não-ocidentais, silencia a fala de quem produz esses saberes. Quando levanta, a bunda do conhecimento habita um corpo corcunda. Já o corpo trabalhado com as técnicas do *twerk,* do rebolado, do *perreo* flexiona os joelhos, joga o quadril para trás e gira a bunda para os lados. São posturas corporais opostas, mas não devem ser atividades antagônicas.

Chamar

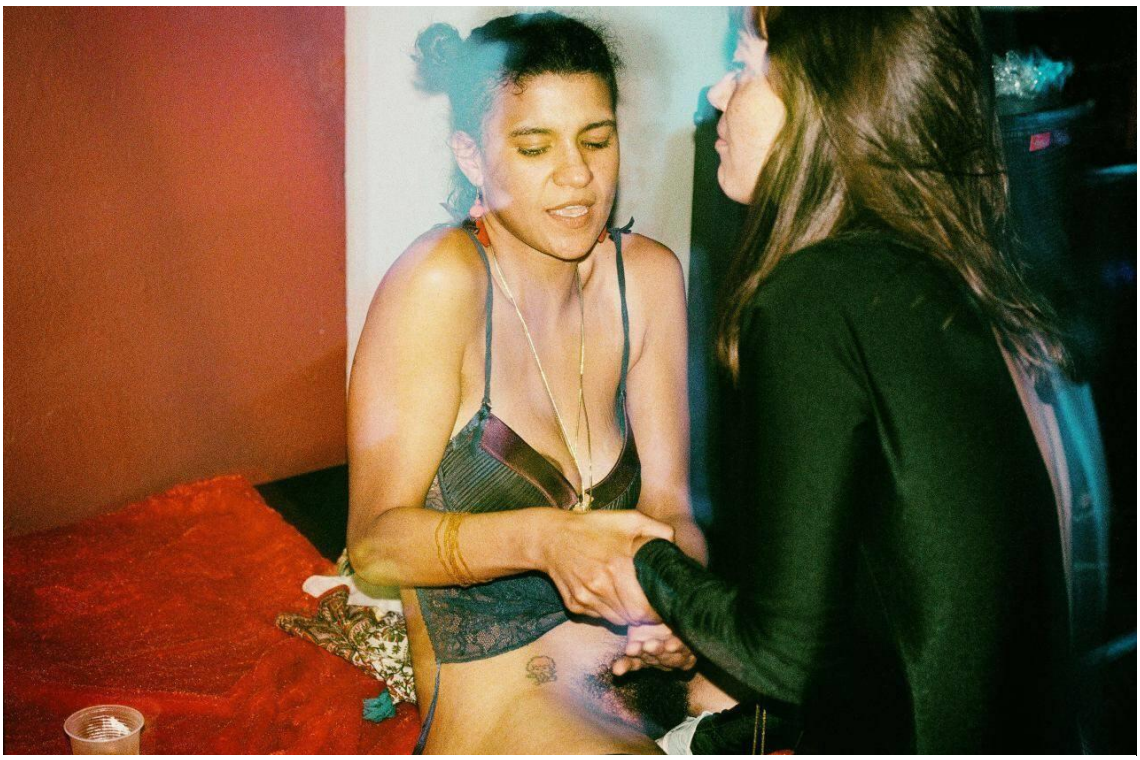

Figura 3

São Paulo, A Gruta Bar, 2016. Uma fila se forma para colocar a mão dentro da buceta de da artista e filósofa Sue Nhamandu[17], que tem se dedicado a dar oficinas de ejaculação para mulheres. Ela se posiciona de pernas abertas sentada numa mesa enorme. Ao fundo, vejo o que mais parece um cenário instalado especialmente para a ocasião. Homens jogam sinuca mirando a bola na direção dos buracos da mesa. Sue convida as pessoas para investigarem a sua próstata. Ela ensina a fazer o gesto do chamado (vem) com os dedos dentro dela. Dois dedos pressionam a próstata repetida e energeticamente,

ou fazem um movimento circular de dentro para fora até o osso púbico. “Mover o ombro para cima e para baixo pode ser uma alternativa para não cansar a musculatura das mãos”, ela diz. “Próximo!”. Enquanto os convidados localizam a sua próstata Sue vai ficando molhada.

Quero dar um zoom numa área geolocalizada dentro da vagina. O ponto G. Se os continentes fêmea são territórios colonizados pelo homem branco, os pontos de prazer das biomulheres recebem o nome de quem os “descobriu”. G é a primeira letra do sobrenome do ginecologista judeu alemão Ernst Gräfenberg. Em 1950 ele localizou uma área próxima ao colo da bexiga que quando estimulada pode fazer mulheres ejacularem antes e durante o orgasmo[18]. Nos anos 1980, a teoria do ponto G virou *best seller* e o local foi difundido como um ponto a ser estimulado pelos homens numa relação heterossexual. O penetrante e a penetrada. No livro *Coño Potens*, a pornoterrorista Diana Torres demonstra como a falácia do ponto G colaborou com o apagamento histórico da próstata no mapa corporal dos seres que nascem como buceta, reduzindo o órgão a um pequeno ponto misterioso. Nossa próstata produz e expele um líquido com as mesmas características do líquido que é ejaculado pela próstata masculina junto com o sémen gerado pelos testículos. Nos consultórios ginecológicos, a ejaculação feminina costuma ser vinculada a problemas de incontinência urinária, gerando inclusive casos de cirurgias que

Figura 4

eliminam o órgão para acabar com o “problema”. “Existe um pânico atroz em dizer

próstata [feminina] porque isso seria reconhecer que na realidade não somos corpos tão diferentes uns dos outros e que portanto não existe nenhuma razão cientificamente avaliável para seguir sustentando a dominação patriarcal."[19], diz Diana. Em camas não ocidentais e sociedades matriarcais ainda vigentes, como a população Batoro de Uganda, o ensino sobre a ejaculação é parte de um ritual de passagem da infância para a vida adulta das mulheres. Na cultura hindú, num texto do século XVI d. C. chamado Ananga Ranga, o líquido da ejaculação não tem distinção de gênero e se chama kama-salila, algo como "água da vida" ou "água da paixão/amor"[20].

O apagamento histórico da próstata feminina colaborou com a cisão entre clitóris e vagina criada pela psicanálise no início do século XX, que categoriza os orgasmos como clitorianos (infantil e deficiente) e vaginais (da mulher madura e penetrada)[21]. Apesar de ejaculação e orgasmo serem coisas diferentes produzidas por órgãos distintos, tem uma relação entre si, fazem parte do corpo na sua totalidade.

O gesto de chamado ao mesmo tempo íntimo e coletivo é uma forma de ocupar o próprio corpo. Chamamento de sensações e fluidos que reprogramam o gozo nos corpos educados para não sentir prazer. Podemos pensar essas práticas de descolonização do prazer como *pedagogias da ocupação do corpo*. Ocupar o corpo com a bunda, com os dedos, com o clitóris. Movimentos políticos de hackeamento do repertório gestual que requer prática e teoria. Precisamos de mais xerecas satânicas[22] nas universidades. Precisamos ocupar a universidade com o corpo. Uma ocupação só pode funcionar se aprendermos com as mulheres e com as crianças. Infantilizar as mulheres e criminalizar as crianças faz parte de uma ampla estratégia falocentrica golpista. Não é punheta, é pulseta.

Fabiana Faleiros é artista, escritora, Lady Incentivo e doutoranda em Processos Artísticos Contemporâneos no Instituto de Artes da UERJ com bolsa FAPERJ.

Lista de Figuras

Figura 1. Fotografia de Nubia Abe

Figura 2. *A Europa sustentada pela América e pela África* de William Blake. Disponível para download em http://collections.vam.ac.uk/item/O127397/europe-supported-by-africa-and-print-william-blake/

Figura 3. Fotografia de Leo Musa.

Figura 4. Fotografia de Leo Musa.

Imagem da Capa fotografia do Masturbar. Foto de Ali Savage.

1 CLITÓRIS: o prazer proibido. Direção: Michèle Dominici. [S.l.]: Cats & Dogs Films/Sylicone/ ARTE France, 2003. (59 min.): son., color. Título original: Le clitoris, ce cher inconnu. Disponível em: <youtu.be/Wmcu2mYZdRY>.

2 FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

3 DIDI-HUBERMAN, Georges. Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière. Tr. br. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

4 ROCHA, Carolina. O sabá do sertão: Feiticeiras, demônios e jesuítas no Piauí colonial (1750-1758). Jundiaí: Paço editorial, 2015.

5 DIDI-HUBERMAN, Georges. Invenção da…, op.cit.

6 PRECIADO, Beatriz. Manifesto Contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual. Tr. br. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1, 2014.

7 FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. Novo Dicionário…, op.cit.

8 Idem.

9 FALEIROS, Fabiana. O pulso que cai e as tecnologias do toque. Ikrek: São Paulo, 2016.

10 Idem. Como em outras danças da diáspora africana (na capoeira, por exemplo), se faz shade (sombra) com as mãos.

11 BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de gênero. 8 ed. Tr. br. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

12 William Blake, Europe supported by Africa and America, gravura, 1796.

13 https://www.facebook.com/afrofunkrio/

14 As oficinas acontecem em locais como a Fundição Lapa e na Casa do Coletivo Tá Na Rua.

15 HUGILL, Alison. An Interview with Fannie Sosa: On Twerking and the Commons. BerlinArtLink. Jun. 22, 2015. Disponível em: <http://www.berlinartlink.com/2015/06/22/artfeminism-an-interview-with-fannie-sosa-on-twerking-and-the-commons/> Tradução livre: "the muscle of the soul, the psoas, a really deep tissue muscle, the first we develop. It's the muscle that unites the legs to the spine and therefore to the brain. It's the muscle that makes us stand up. It's also very linked to orgasm."

16 MIGUEZ, Luiza. A bunda é cósmica. Revista Piauí. ed. 106, jun 2015. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-bunda-e-cosmica/>.

17 Blog da artista: https://4gr4ph4dogm4t4.wordpress.com

18 TORRES, Diana J. Coño Potens: manual de su próstata, su poder y sus fluidos. Edição Digital: 2016 Disponível em: http://yeswecum.org/wp-content/uploads/2016/03/CONO-POTENS-VERSION-DIGITAL-Desconocido.pdf, pg. 26. Antes de Gräfenberg, em 1888 o médico e professor escocês Alexander Skene chamou a próstata feminina de descreveu as Glândulas de Skene ou glândulas parauretais.

19 Tradução livre de "Hay un pánico atroz a decir próstata porque eso sería reconecer que no somos en realidad tan diferentes unos cuerpos de los otros y que por tanto no hay razón ninguna avalable científicamente para seguir sosteniendo la dominación patriarcal. " Idem, pg. 27

20 Idem.

21 FREUD, Sigmund. Organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade) (1923). In: Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. 19. Tr. br. sob a dir. de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

22 A performance, que envolveu a costura dos lábios vaginais da artista Raíssa Vitral, depois de ela ter introduzido uma bandeira do Brasil na sua buceta, aconteceu na Universidade Federal Fluminense (UFF) em julho de 2014, no campo de Rio das Ostras. O ato – de repúdio a cultura do estupro acabou gerando a perseguição das performers envolvidas. Blogueiras Feministas. Solidariedade às xerecas satânicas. Disponível em: http://blogueirasfeministas.com/2014/06/solidariedade-as-xerecas-satanicas/